

De pai para filho e de filho para pai: o paradoxo de Caproni, por Andrea Santurbano

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 ANDREA SANTURBANO GIORGIO CAPRONI MILLENIUM POETRY em julho 01, 2020

Certamente Freud e a psicanálise têm marcado época, propondo perspectivas interessantes; porém, também deixaram para as gerações passadas, presentes e por vir uma praga bem difícil de extirpar: o “complexo de Édipo”. Atração pela mãe, rivalidade com o pai. Há quem procurou abatê-la pela raiz, sem muitos rodeios, tentando assim derrubar a própria cultura que disso se alimentava, como é o caso de Jim Morrison e seu *kill the father, fuck the mother*. Mas sem querer chegar nesses cumes de paroxismo, bastaria pensar na longa tradição de relações conturbadas com os pais, termo abordado aqui na acepção masculina (lamentável o machismo da língua portuguesa, que pluraliza apenas a figura paterna!). Podendo ir, por exemplo, da famosa carta de Kafka às últimas palavras sussurradas pelo pai, à beira da morte, para o filho Nathan Zuckerman, célebre alter ego de Philip Roth, em *Zuckerman libertado* (1981). Ou melhor, uma única palavra: “Bastardo!”. Acabando, assim, com Walter Benjamin e companhia, que acreditavam no valor da sabedoria oral a ser transmitida de pai para filho!



Cena de "Interstellar" (2014)

Mas aqui o assunto é ainda mais imbricado. E não é tanto questão de filhos que carregam as culpas dos pais, quanto de filhos que carregam as “feições” dos pais, engendrando um jogo

especular de planos temporais, cíclicos e existenciais. Para se ter um exemplo do que estamos falando, sem ir longe demais, basta considerar o caso de dois autores já bem conhecidos por aqui, por terem marcado presença no Brasil no ano passado: **Valerio Magrelli** e **Donatella Di Pietrantonio**. Magrelli, além de ser autor de um livro memorável, *Geologia di un padre* [Geologia de um pai, 2013] mosaico rapsódico, que em 83 capítulos-fragmentos reconstrói assimetricamente as recordações de um pai recém falecido, também dedica um poema ao genitor, intitulado *A Giacinto, meu pai*, em que escreve: “Velhice – começa o Grande Mimetismo, / torno-me cada vez mais parecido com meu pai. / Giacinto, te alcancei! / Disco que me atinge para me tornar igual a você. / Rosto, gestos, inflexões, passo: / volto ao original, / simples aplicação de um programa. / Ou talvez me disfarço para me salvar, / entrincheirado em seu recinto genético...”^[1]



O que é remarcável para o foco desta análise é o processo de identificação com o pai, cadenciado, em particular, por “te alcancei!”, “volto ao original”, “me salvar / entrincheirado em seu recinto genético”; ou seja, uma identificação amadurecida no momento crucial da passagem para velhice, quando o plano do balanço pessoal de quem escreve se alinha

finalmente, numa conjuntura ideal, com o das recordações mais recentes da figura do genitor. E o efeito é ambíguo e ambivalente, de espanto e de refúgio ao mesmo tempo. Um eu que envelhecendo recupera as origens, mas também, por outro ângulo de visão, uma surpresa inquietante à espreita: o êxito paradoxal de que o futuro (agora presente) nada mais é do que uma reunião com o passado. A nossa vida, então, como cópia do que já foi? Apenas como realização de uma programação genética, sobre a qual descobrimos, afinal, não ter nenhum controle?

Com Donatella Di Pietrantonio essa mesma relação se traduz ao feminino. Em *Mia madre è un fiume* [Minha mãe é um rio, 2011], relato filial sobre a doença mental de uma mãe – aliás, seria bem interessante pensar em certas afinidades, até compositivas, com *Geologia di un padre* –, há uma passagem extremamente reveladora. É o momento em que a filha ajuda a mãe no banho: “De costas, ela se parece comigo, que estranha essa marca do biquíni, ela nunca usou. A viro com um puxão. É eu. Toca o telefone. Atendo com o coração em tumulto. Sou eu. Não, minha mãe”.^[2] Trata-se de um sonho, como explicado logo em seguida (aí, de novo, matéria para a psicanálise!), mas o efeito é o mesmo, o processo identificatório se revela inquietante, com todas as implicações expostas acima.



E podemos, agora, finalmente chegar a Caproni, o grande Giorgio Caproni (1912-1990), um dos maiores poetas italianos do século XX, e não só. O poema em objeto (e em tradução) neste novo capítulo do projeto “Millennium Poetry”, *Para meu filho Attilio Mauro que tem o nome do meu pai*, da coletânea *Il muro della terra* [O muro da terra, 1975], acrescenta ao discurso um movimento a mais, pois Attilio Mauro é tanto o pai do poeta, como o filho do poeta, que, na melhor tradição patronímica da cultura italiana, leva o nome do avó. Portanto, são três os planos de oscilação nessa nesga memorial e existencial. Cabe lembrar, primeiramente, que Caproni já havia desestruturado os enredos cronológicos de sua biografia, com a celeberrima seção do *Il seme del piangere* [A semente do pranto, 1959], dedicada à mãe, Annina. Inclusive atraindo na fácil armadilha do edipismo não poucos críticos. Annina, de fato, vira aqui musa e namorada do poeta, “fotografada” nos anos de sua juventude pré-maternal em Livorno, quando “*beltà splendea*”, como diria Leopardi.

Voltando ao poema em foco, Caproni pode então apelar para que o filho o pegue na mão e o leve com ele no futuro, tornando-se seu pai, num futuro onde podem ser perpetradas essas passagens geracionais. O levar é movimento reversível, de mão dupla, a linha temporal não tem mais um único sentido direcional. Como diz oportunamente o próprio Valerio Magrelli, pode se pensar numa espécie de fita de Möbius. Ou, recorrendo a um imaginário mais recente, na relatividade revisitada em *Interstellar* (2014), de Christopher Nolan, quando o pai, preservado do envelhecimento terrestre por uma longa viagem espacial, abraça a filha, já mais velha do que ele, numa cama de hospital.



Não podemos, contudo, esquecer que, para além desses paradoxos temporais, o poema é um ótimo exemplo da arte poética caproniana, que toca aqui um dos seus vértices mais altos. Exatidão, essencialidade, ritmo, fazem de *Para meu filho* um mecanismo perfeito em sua matemática composição. Com efeito, Caproni alcança um equilíbrio extraordinário (poder-se-ia dizer, a equação-mãe da poesia) entre imagem, forma e sentido, captado no limiar preciso, isto é, um instante antes que o buraco-negro da palavra, com seu sentido efêmero e provisório, engula tudo. Anáforas,

iterações, rimas, assonâncias, dispostas estrategicamente para pontuar a intensa urdidura semântica, marcam o passo, como “o surdo rufar do tambor” evocado no final, de um percurso intensamente pessoal.

A saber, a menção à Irlanda, com nuances célticas, refere-se às origens familiares localizadas na Val Trebbia, entre Gênova e Piacenza, região onde havia se formado uma colônia de irlandeses em torno de um mosteiro. Essa é a sugestão que leva o poeta a vislumbrar feições nórdicas na figura de Attilio Mauro (filho), o qual, com grata surpresa, ouviu pela primeira vez o poema em um programa de televisão. Assim como, quem escreve, teve o privilégio de ouvir o poema lido pela voz do próprio Attilio Mauro, em um teatro de Monteverde Vecchio, histórico bairro romano onde o poeta passou boa parte da vida até a morte.

É importante, ainda, atentar para a disposição gráfica dos versos, que não é efeito da incompetência técnica dos editores deste blog ou de derivas alcoólicas provocadas pelo isolamento de Covid-19. Os espaços, pois, assumem o valor decisivo de pausa, suspensão, movimento, refinando a belíssima partitura desse gesto poético e da alma, que se conclui com o termo “dedicação”. Segundo Caproni, o italiano *dedizione* teria um sentido mais militar, o de “se render”, indicando, portanto, uma voz apaziguada por ter completado seu ciclo. Ao menos, até o próximo recomeço.

Giorgio Caproni

*A mio figlio Attilio Mauro che ha il nome
di mio padre*

*Para meu filho Attilio Mauro que tem o
nome do meu pai*

Portami con te lontano

Leva-me contigo então

... lontano...

... então ...

nel tuo futuro.

no teu futuro.

Diventa mio padre, portami

Torna-te meu pai, leva-me

per la mano

pela mão

dov'è diretto sicuro

para onde vai seguro

il tuo passo d'Irlanda

o teu passo de Irlanda

– l'arpa del tuo profilo

– a harpa do teu perfil

biondo, alto

loiro, alto

già più di me che inclino

já mais que eu que tendo

già verso l'erba.

já para a grama.

Serba

Guarda

di me questo ricordo vano

de mim esta vã recordação

che scrivo mentre la mano

que escrevo enquanto a mão

mi trema.

me treme.

Rema

Rema

con me negli occhi al largo

comigo nos olhos ao largo

del tuo futuro, mentre odo

do teu futuro, enquanto rodeio

(non *odio*) abbrunato il sordo

(não *odeio*) enlutado o surdo

battito del tamburo

rufar do tambor

che rulla – come il mio cuore: in nome

que anda – como meu coração: em nome

di nulla – la Dedizione.

de nada – na Dedicação.

(Trad. Andrea Santurbano)

Esta postagem é a décima do projeto *Valerio Magrelli - Millennium Poetry: Viagem sentimental na poesia italiana*, iniciativa promovida pelo Instituto Italiano di Cultura di São Paulo durante esta Pandemia de Covid-19.

IICSP não para:

“Cruzaremos oito séculos de poesia italiana seguindo um percurso autoral. Exclusivamente para o público do IICSP, graças à colaboração da Editora Emons, o poeta Valerio Magrelli apresenta e ilustra em áudio trechos da própria particularíssima antologia de poesia italiana. A proposta é enriquecida pelas traduções e comentários (literatura-italiana.blogspot.com) em português dos professores Patricia Peterle e Andrea Santurbano da UFSC e Lucia Wataghin da USP.”

Os trechos serão publicados pelo canal [YouTube do IIC](#) nas datas abaixo. Para acessar, é preciso estar inscrito na [NewsLetter do IICSP](#).

LITERATURA

O IICSP NÃO PARA:

Valerio Magrelli
Millennium Poetry:
Viagem sentimental na
poesia italiana

Crissimes oitocentos séculos de poesia italiana seguindo um
percurso autoral. Exclusivamente para o público do IICSP
graças à colaboração da editora italiana, o poeta italiano
Magrelli apresenta e ilustra em áudio os trechos de poesia
particularmente antológica da poesia italiana. A proposta é
enriquecida pela tradução e pelos comentários em
português de Profissionais Poesia Petrarca e Aníbal
Sant'Anna de USP e Lucia Wataghin de USP
(literatura.italiano.blogspot.com).

O conteúdo de áudio em áudio nos 2 audios será disponibilizado
atualizado de forma regular. Os trechos serão publicados pelo
YouTube do IICSP nos seguintes dias:

30.04 - Guido Cavalcanti, *Meu não le disse como o galeto*
05.05 - Jacopo Sannazaro, *Prologo de C. Anzide*
10.05 - G. B. Marino, *Contra de Calisto*
20.05 - Giuseppe Artale, *Uma che glauca e Aali*
25.05 - Giacomo Leopardi, *Selene*
01.06 - Giovanni Pascoli, *La famiglia dei morti*
10.06 - Aldo Pasquetti, *La purgatoria*
15.06 - Giuseppe Ungaretti, *Pedregal*
20.06 - Eugenio Montale, *L'espalle*
01.07 - Giorgio Caproni, *A mio figlio, A mia madre che ha il nome
di mio padre*
08.07 - Vittorio Sereni, *Primo soneto*
15.07 - Amelia Rossini, *Tutto il mondo è sedici*

Assista ao making of da audiolivro "Millennium Poetry" de
Valerio Magrelli.

L' IICSP
NÃO SE
PARA

USP

CEHOIS: Edições

[1] MAGRELLI, Valerio. *66 poemas*. Trad. e posfácio Patricia Peterle e Lucia Wataghin. Florianópolis: Rafael

Copetti Editor, 2019, p. 125.

[2] DI PIETRANTONIO, Donatella. *Mia madre è un fiume*. Roma: Elliot, 2011, p. 104 (trad. minha).